

DO MESMO AUCTOR

A PUBLICAR

Ensaio Scientificos, dissertações sobre elementos de Mathematica, Physica e Chimica (1892-1899).

Atravez da Sciencia, collectanea de varios artigos scientificos (1898-1899).

Polygraphias, artigos de philosophia e critica (1896-1898).

Iris, contos e phantasias (1894-1900).

Cavatinas, poesias (1899-1901).

Sonatas, poesias (1898-1902).

Poemas sociolaticos, ensaios de poesia positivista (1901-1902).

Senhora, peça extrahida, de collaboração com E. Marinho Aranha, do romance homonymo de José de Alencar; representada pela primeira vez no theatro *S. Luiz*, do Maranhão, a 26 de Março de 1896.

O cavalheirismo rustico, libreto da opera de Pietro Mascagni, traduzido em verso de collaboração com Montrose Miranda (1892).

O calculo arithmetico, por Pierre Laffitte; traducção auctorisada pelo auctor (1893-1895).

Mecanica geral, por Lonchampt; versão annotada (1898-1899). (a)

(a) Os livros constantes desta bibliographia estão promptos a entrar no prelo, e as materias que os constituem já foram, quasi em sua totalidade, publicadas fragmentariamente em varios periodicos brasileiros:

Do Maranhão: — *Pacolíha, Diario, Federalista, Revista Elegante, Philomathia, Revista do Norte, Os Novos.*

Do Ceará: — *A Republica.*

Do Rio de Janeiro: — *Paiz, Debate, Gazeta de Noticias, Noticia, Correio da Manhã, Jornal do Brazil, Tribuna, Revista Americana, Revista Contemporanea, Revista da Escola Polytechnica.*

REIS CARVALHO
(OSCAR D'ALVA)*

PRELUDIOS

(POESIAS DE 1894-1897)

Prefacio de ARTHUR AZEVEDO
(Da Academia Brasileira)



LAEMMERT & C.—Editores
66, Rua do Ouvidor, 66.—Rio de Janeiro
Casa filial em S. Paulo

1903

OR. N.
869.
R373

Handwritten notes and signatures:
A
Rio
BAW
~~869.6(812.1)-1~~
CAR
PRE

O livro que hoje apparece devia, ha cinco annos, ter sido publicado; varias circumstancias, porém, não no permittiram. Publicando-o agora, conseruo-o tal como era naquella época, salvo uma ou outra modificação que me pareceu indispensavel.

Elle representa os meus primeiros ensaios poeticos; são versos dos vinte annos.

Quando os fiz não me preoccupei essencialmente senão de tornal-os interpretes de sinceras emoções.

Não fiz versos pelos versos, mas escrevi-os para exprimir sentimentos reaes, reaes pelo menos no momento em que me inspiravam.

Muitos são talvez sentimentos frivolos e morbidos, mas fortes e verdadeiros.

D'ahi a epigraphe de Garrett com que precedo o volume:

« Foi só meu coração que fez meus versos. »

Rio, Junho de 1902.

R. C.

publico, pedindo-lhe um pouco de condescendencia e de benignidade para as cousas ligeiras que eu produzo.

Que é elle um poeta não ha a menor duvida; todos se convencerão disso lendo ao acaso uma pagina qualquer deste livro; entretanto, não creio que elle faça versos por indole: fal-os, em primeiro logar porque está na idade em que toda a gente faz versos, e em segundo logar porque é filho do Maranhão. Ser filho do Maranhão e não fazer versos seria negar a sua origem.

A minha terra, em que peze ao seu declinio litterario, tem sempre um grupo encarregado de zelar e manter as suas gloriosas tradições de poesia, como outr'ora as virgens de Vesta se incumbiam de conservar o fogo sagrado. No meu tempo havia Gentil Braga, Joaquim Serra, Antonio Marques Rodrigues, Celso de Magalhães, Lima Barata, Tullio Belleza e tantos outros; hoje o grupo é formado por I. Xavier de Carvalho, Heraclito Mattos, Walter Broadbent, Carlos Rego, Reis Carvalho, etc.

Houve um poeta maranhense por excellencia, como o illustre e esquecido Juvenal Galeno é por excellencia o poeta do Ceará: chamava-se Trajano Galvão de Carvalho. Como se vê, Carvalho é um nome predestinado.

Tinha esse poeta o defeito de ser um sybarita, e o mais insigne preguiçoso que ainda se vio. Os seus

recursos de fazendeiro apatacado, a sua fazendola, que valia uma Thebaida, a sua rêde flacida, e aquelle enervante, deprimente e delicioso tabaco do Codó, foram um verdadeiro desastre para a poesia do Norte.

O que eu lastimo em Reis Carvalho, como em todos os poetas do Maranhão que se têm succedido desde o auctor do *Feitor e a mulata*, é não serem fieis ás tradições da poesia maranhense, fundada pelo solitario do Mearim. Parte d'aqui do Sul todo o influxo litterario que elles recebem, e nenhum—á excepção, talvez, de Joaquim Serra, que seria o continuador de Trajano, si tivesse ficado no seu berço natal—, nenhum quiz ser maranhense.

Sabe-se que a emigração tem sido a ruina da minha saudosa provincia, e accresce, infelizmente, que, antes de emigrarem os corpos, emigram os espiritos. Reis Carvalho é um poeta do Norte com idéas do Sul.

Estou certo de que o publico receberá com todas as honras o seu livro escripto em portuguez e docemente impregnado de um lyrismo penetrante, imaginoso e sincero.

Rio, Março de 1898.

ARTHUR AZEVEDO

A minha mãe

Libania dos Reis Carvalho

*Tu, que para mim viveste e por mim
morreste, ó a mais santa e carinhosa das
mães, acceita estes primeiros ensaios littera-
rios do teu saudoso filho, nos quaes tanto
collaboraste pelo teu espirito e pelo teu
coração.*

Rio, 28 - 6 - 902.

Foi só meu coração que fez meus versos

GARRETT.—*Catão.*

Poveri versi miei gettati al vento
Della mia gioventù memorie liete,
Rima d'ira, di gioia e di lamento,
Povere rime mie, che diverrete ?

STECCHETTI.—*Poesie.*

I

CHIMERAS

I

PRELUDIOS

RELIQUIA

Conservo junto ao peito, qual si fosse
Lembrança do teu nome, a folha agreste
De um fructo saboroso que me deste
Numa tarde de outomno alegre e doce.

Já murcha e sem vigor ella tornou-se,
Mas em breve de viço se reveste,
Quando ás vezes, ao sopro do nordeste,
A beija o halito teu que o vento trouxe.

Contemplo com prazer a folha amada
Onde em cada nervura está gravada
Uma estrophe de amor candida e bella :

E cada vez que a vejo resequida,
Ou de novo de verde colorida,
Recordo o meu passado escripto nella.

Maranhão, 31 de Julho de 1894.

VERSOS A LEILA

Mandas-me, cumpro. Eu sou o automato modesto
Que a tua mão dirige e o teu olhar fascina.

MACEDO PAPANÇA.—*Escravomania*.

Conversando comvosco numa noite,
Na sala illuminada de um saráu,
 Vos disse galanteios.
Chamei-vos de poetisa apaixonada,
Amante da pintura que adorais,
 E depois, sem receios,

Vos proclamei: — Poesia cinzelada
Num corpo estonteante de mulher,
 Que offusca, scintillante,
O rútilo fulgor do sol, que esplende
Lá no zenith dos céos a chamma viva
 De seu clarão tonante.

II

A pallidez poetica da lua,
Mesclada á côr purpureal da aurora :
Eis a tela febril e encantadora
De vossa face avelludada e nua.

Como uma estrella que no céu fluctúa,
A luz de vosso olhar é tão canora,
Me falla tanto ao coração, senhora,
Que como o vosso canto em mim actúa.

Os labios de rubi soluçam beijos;
Os seios — ninhos de prazer ardente,
Cantam do amor celestiaes harpejos:

Da basta coma lúrida reçuma
Aroma de volupia rescendente;
Sois como a Venus que nasceu da espuma.

III

Perdoai, minha senhora, esta franqueza
Que explode com ardor dos versos meus,
Uns versos sem cadencia,
Mas filhos de minh'alma apaixonada
Por tudo quanto é bello, nobre e grande
Como é Vossa Excellencia.

Maranhão, 25 de Janeiro de 1895.

HILDA

E' um typo de celica ternura
Esse teu porte angelico de fada.
No rosto brilha a flôr da formosura,
E em cada olhar a luz de uma alvorada.

E's qual visão de lucida brancura
De um leve tom moreno matizada :
Claridade de lua em noite pura
Que em fôrma de mulher foi condensada.

Fada mysteriosa e enigmatica,
Na tua fronte pallida e sympathica,
De mysticos encantos revestida,

Brilham fluidos magneticos, nervosos,
Attractivos fataes, mysteriosos,
Que matam corações lhes dando vida.

Maranhão, 9 de Fevereiro de 1895.

APRÈS LE DÉPART

Partiste; não ouviste a minha prece.
Que importa! Nunca mais hei de esquecer-te,
E a cada instante, sempre, hei de dizer-te
Todo o amor que em minh'alma resplandece.

E' certo que meu canto desfallece:
Tão longe estás para que possa vêr-te
E a confissão de amor sempre fazer-te,
Mas teu nome em meu peito não perece.

E enquanto entre folguedos tu gozares,
Sem de mim nunca mais te recordares,
Nem sequer por uma hora ou um momento,

Hei de guardar-te só no pensamento,
Viverei da tua unica lembrança,
Tu serás a minha ultima esperança.

Maranhão, 28 de Fevereiro de 1895.

A UMA NOIVA

E's noiva. Em tua frente já diviso
A flôr da virgindade quasi morta;
Não mais trina o crystal do teu sorriso
Com o tom suave e puro que transporta

As ethereas regiões do Paraiso.
Teu olhar, que era a magica retorta
Do santo e puro amor, hoje indeciso,
Sensual, ao prazer lubrico exhorta.

A coma negra que te cinge a frente,
Profanaram-na os beijos de teu noivo;
Não és mais para mim esse anjo insonte

Que outr'ora amei, que tinha tanto amado!
Mas, cuidado! que em flôr triste de goivo
Podem mudar-se as rosas do noivado.

Maranhão, 28 de Abril de 1895.

SAUDADE

No mar da dôr em que me engolfo inteiro,
Sósinho a meditar no meu passado,
Volve a memoria ao tempo afortunado,
Tempo feliz do meu amor primeiro.

Lembro-me com pezar (doce lembrança!)
Dessas horas felizes que se foram,
Mas que nunca esqueci e que inda douram
Minha vida deserta de esperança.

Lembro-me desses teus olhares santos
Que outr'ora me volveste, dessa bocca
Que eu beijei, que cobri de beijos tantos.

Sim, bem me lembro!... O' dôr! fatalidade!
Minh'alma se debate, semi-louca,
Sob as garras crueis desta saudade.

Maranhão, 6 de Dezembro de 1895.

LAURA

Joia de carne scintillante e pura,
Os teus olhos gentis e seductores
São imans do desejo tentadores,
Imans febris de amor e de loucura.

Não és a virgem debil e franzina,
A donzella romantica e doente,
Com face macerada e olhar plangente,
Olhar sem côr de morbida retina.

Um typo, sim, de lubrica bacchante.
Tendo no arfar harmonico dos seios,
Impetos de paixão que me arreбата,

Nevroses de prazer estonteante,
Harmonias de amor, delirio, anceios . . .
O mar do goso que me afoga e mata.

Maranhão, 11 de Dezembro de 1895.

O FORGET ME NOT

(A MELLO ROCHA)

As flores que mandaste e que colheste
Têm um olor subtil que me embriaga;
Perfume de voluptia etherea e vaga,
De que teu corpo angelical se veste.

Gentil dadiva, mystica e celeste
O teu *forget me not* é a flor maga
Que da paixão me leva á bella plaga,
Onde vivo do amor que tu me déste.

Jamais te esquecerei, e além dos mares,
Quando a sós meditar nesta aventura,
Cheio de dôr, de magua e de pezares,

Essa flôr, qual *somniferum papaver*,
Fará dormir a dôr, toda a amargura
Desta minh'alma de illusões cadaver.

Maranhão, Dezembro de 1895.

VIRGO TRISTIS

Um poema de mystica tristeza
Resplende no teu rosto amargurado;
Ha perfumes suaves de belleza
No teu corpo de sylphide nevado.

Reveste o teu semblante immaculado
Uma candura nobre de princeza;
E o riso do teu labio perfumado
E' a flôr gentil da graça e da pureza.

Lembro-me, ao ver-te candida e silente,
Da virgem singular dos meus sonhares,
Daquella que como eu não crê, nem mente

Gozar da vida onde só dôr impera,
Vida fallaz de angustias e pezares,
Vida cheia da pallida Chimera.

Maranhão, 1895.

HELENA

Com a palheta aurea do verso,
Com o pincel nobre da penna,
Vou pintar-te, bella Helena,
A' luz astral do Universo.

Eu sei que meu verso é frio,
Que não tem primores d'arte;
Eu sei que para cantar-te
Meu estro é fraco e sombrio.

Mas sob a forma vasia
Ha sentimento sublime,
Que minha falta redime,
Que me desculpa a ousadia.

E' o amor, a flôr olente
Que viceja no meu peito,
E me embriaga satisfeito
Com seu nectar rescendente.

E' o amor que te consagro,
Tão ardente como a fome
Que no deserto consome
Um forte e sedento onagro.

Perdôa, pois, ó sultana,
Sultana de casto harem.
Vou celebrar-te, cecem,
Como os hebreus á Suzana.

Teus cabellos são de treva,
Mas treva feita de luz:
Joia negra que reluz
No branco leito do Neva.

Tua face de alabastro
E' um ninho de ventura;
E' um lyrio de candura
Que desabrocha de um astro.

Teus olhos negros, lascivos,
São mysteriosos abysmos;
Desprendem magnetismos
Que fazem de mortos, vivos;

Lagos de paixão dormente
Onde o amor cresce e palpita;
Dous vulcões onde crepita
Do desejo a chamma ardente.

Os supercilios faceiros
São meios discos da lua,
Quando occulta a face nua
Em eclipses passageiros.

Os cilios ricos, espessos,
São franjas de seda pura;
São docéis da formosura
Desses teus olhos travessos.

Tua bocca, amphora viva,
E' a taça dos meus desejos,
Onde eu sorvera mil beijos
Com todo o ardor de um khediva.

Teus labios são rubras flores
Que desbrocham capitosas;
Têm a bella côr das rosas
E dos lyrios os olores.

São rubis vivos, luzentes,
Onde a luxuria se agita;
Pedaços de rubra fita
Que orlam os teus brancos dentes.

Teus labios de rosea carne
Mel de voluptias distillam,
Que embriagam, que aniquillam
Como os licores do Marne.

Os arcos da dentadura
São collares de marfim ;
Têm o lustro do setim,
Do setim de Mirzapura.

Teu collo tumido, arfante,
E' como um lago de leite,
Onde se agita o deleite
Do goso luxuriante.

Teus seios são como perolas
Onde o rubi se engatasse ;
Pomos de gozo vivace
Com pingos de côres cerulas.

As mãos são folhas de mica
Com as refulgencias do laca ;
Recordam sedas de Dakka
E as gemmas de Costa Rica.

Têm petulancias de onda
Quando as ondas são frementes ;
Lembram diamantes fulgentes
Lá das minas de Golconda.

Teus dedos finos, delgados,
São raios brancos da lua,
Que partindo da mão tua
Vêm brilhar sobre os teclados.

As unhas, mimosas cellulas,
São laminas de rubi,
Com o frescor do colibri
E o resplendor das libellulas.

Teu busto nobre e severo
Lembra um typo de princeza ;
És a deusa da belleza,
Nova Helena sem Homero.

No carcere dos pantufos
Teus pés são rolas fagueiras,
Que querem voar ligeiras
Ao som das azas dos rufos

Tua voz é uma sonata
De gammas harmoniosas ;
Tem as olencias das rosas
E as fulgurancias da prata.

Tuas palavras são poemas,
E poemas de grande apreço ;
Perolas de caro preço
De um bello collar de gemmas.

Teu gesto que o corpo esmalta
Em attitudes divinas,
Faz lembrar as bailarinas
Dansando á luz da ribalta.

O velludo da epiderme
Tem toda a alvura do linho,
Todo o macio do arminho,
Do arminho de branca derme.

Esse teu vulto, senhora,
Me attrahe, me eleva, arreбата.
Como a lyrica volata
De uma celebre cantora.

Mulher de encantos vestida,
Tua alma é feita de luz,
Teu corpo fulge, seduz :
— És amor, és gozo, és vida.

Maranhão, 1 de Janeiro de 1896.

CORINA

Tem o aroma balsamico do nardo
A tua voz melliflua de soprano;
O teu olhar, audaz e soberano,
Me fere com o de amor galante dardo.

E' o Hekla das paixões aonde eu ardo
O peito fraco de um lutar insano.
A forma rara, teu perfil romano,
Fascinam, matam teu cantor, teu bardo.

És um mixto de amor e de loucuras;
Tens morte nos teus beijos e tens vida;
És como o sol: dás gozo e dás torturas.

Quando te vejo, sinto os cataclysmos
Da paixão, e minh'alma entontecida
Rola do amor nos fervidos abysmos!

Maranhão, Janeiro de 1896.

IMPOSSIVEL

(A EUCLYDES MARINHO)

Vêr-te, formosa, e não poder, sedento,
Gozar do amor que no teu seio mora !
Ah ! si eu pudesse num feliz momento
Sorver a polpa do teu labio, Aurora !

E's bella. O teu olhar é luz sonora
Que brilha e canta com febril contento ;
Tua carne é rosa que a teu corpo enflora ;
E's iman do desejo violento !...

Vi-te no baile o vulto aprimorado :
Eras a Venus lubrica da Grecia,
Exhalando os perfumes do peccado.

E eu quiz peccar então. Pensei... e quiz...
De amor, paixão, ha muita peripecia
Que a gente pensa, quer, mas nunca diz.

Maranhão, 2 de Março de 1896.

FLORA

Da brancura purissima da neve
E' a cutis que te envolve o corpo lindo ;
Uns perfumes de graça doce e leve
Das formas virginaes vão se espargindo.

Alvo, tão alvo que escurece o dia,
O teu rosto é uma tela preciosa
Em que resplende a curva fulgidia
De dois formosos labios côr de rosa.

Teu negro olhar, feito de treva e luz,
As vertigens febris do amor produz :
Palpita de paixão, forte, incendida.

Tua voz, o teu gesto, as ternas fallas,
Essencias de belleza que trescalas,
São venenos de amor que me dão vida.

Maranhão, 14 de Março de 1896.

REMINISCENCIAS

Ainda guardo as rosas que me deste,
Como lembrança de um amor antigo,
Que em vão desejo agora e não consigo,
Embora meus affectos te proteste.

Transformadas as flôres em cypreste,
O coração mudado num jazigo,
Vivo sómente do passado amigo,
Onde gozei o teu amor celeste.

Amo o volver dessas primeiras éras
Em que passei feliz e venturoso,
Sonhando amor e fulgidas chimeras.

Amo o passado, lago de bonança,
Que o presente é um mar tempestuoso,
Feito de maguas e desesperança.

Maranhão, 10 de Abril de 1896.

THURIBULARIA

Com o perfume subtil do galanteio,
Vasado no thuribulo da estrophe,
Permitte que te incense sem receio,
Embora a turba estulta falle e mofe.

Não quero te cantar nem descrever,
Que a voz é pouco e a tinta vale nada,
Para brindar a luz do amanhecer,
Para saudar a estrella d'alvorada.

Eu quero o incenso fino e rescendente,
Essencias olorosas de Bagdad,
Com que os Reis Magos, vindo do Oriente,
Brindaram de Jesus a divindade.

Então, com versos feitos a capricho,
Tento imitar essencias perfumosas,
E encher de aromas o amoroso nicho
Onde tu vives entre luz e rosas.

SONHO

Sonhei que a vi no céu : formosa eleita
Do mystico Jehovah que tanto adora.
Sonhei que era tão linda e satisfeita,
Amante de Jesus se vendo agora.

Mas lacerou-me a garra do ciúme
Quando vi a mulher que tanto amára,
Essa que o meu amor todo resume,
Amando, embora um Deus, que m'a roubára.

Ameaçador, colerico, ferino,
Num impeto de amor não satisfeito,
Tento abater o meu rival divino...

Subito acordo, pallido, desfeito,
E vejo um vulto bello e peregrino :
A minha amada a rir junto a meu leito.

Maranhão, 23 de Abril de 1896.

IMPRESSÕES DE UM BAILE

Quem me dera as doçuras da mazurka,
O galante bailado de Chopin,
Para admirar-te num meneio á turca,
Junto a belleza que o teu corpo tem !

Quem me dera as cadencias d'uma schottish,
A schottish elegante da Germania,
Para sentir a graça dos teus dotes
Embebedar-me de amorosa insania !

Quem me dera no giro saltitante
Da polka salerosa entrelaçar-te,
E subir e subir, ebrio, radiante,
Ao sol, á lua, ao céo, a toda a parte !

Ah ! quem me dera na vertigem louca
De uma walsa de Strauss voar fremente,
Haurindo o olor subtil da tua bocca
Que me embriaga o cerebro candente.

Mas eis que morre a trepida quadrilha,
Que eu quizera durasse a vida inteira,
Só para vêr-te o olhar que tanto brilha,
Só para vêr-te a face feiticeira.

Eis que morre a elegante contradança,
E a tua imagem fica no meu peito,
Como um emblema doce de esperança,
Que me dá vida ao coração desfeito.

Maranhão, 14 de Maio de 1896.

BEIJOS . . . SONHOS . . .

Não queres que eu te beije ébrio e sedento;
Que meu labio se aqueça no teu labio,
E na doçura de um febril resabio
Eu goze seculos num só momento !

Não queres, não permittes que o desejo
Que me pulsa no peito adolescente,
Se satisfaça num prazer ardente
E eu morra haurindo o nectar de teu beijo.

Não queres! Não permittes ! . . . Mas que importa!
Já te beije a bocca purpurina,
Já te beije bem junto . . . *áquella* porta

Não te lembras Sinhá ? . . . Lembras-te sim !
Eu te beije, beije-te muito, Eulina . . .
Mas só em sonhos, te beije assim.

Maranhão, 28 de Maio de 1896.

AUDACIAS

Adivinho-te as formas petulantes
Meio occultas nas rendas do saiote ;
Imagino-te, turgidos, galantes,
Os seios nús brotando do decote.

Gosto de ver-te os olhos chammejantes
E a doce curva do aromal cogote ;
Aspiro-te os perfumes enervantes
De teu labio que cheira a um myosote.

E' um ninho de magicas delicias
Esse teu corpo virginal e puro,
Ninho de goso e tepidas caricias.

Ah ! me perdôa esta ousadia louca :
Mas deixa, deixa que meu labio impuro
Sorva sedento o mel de tua bocca.

Maranhão, 28 de Maio de 1896.

COMMUNHÃO

D'ara de Amor constricto me approximo,
Cheio de fé mais de esperança cheio,
Afim de receber o augusto mimo,
A santa communhão que tanto anceoio.

Não é o corpo gélido do Christo
Occulto nas especies eucharisticas,
A que libar sofregamente insisto,
Com ardentes preces fervorosas, mysticas.

Não ! jamais quero a massa inerte e fria
Que o padre santifica nos altares,
E em que minh'alma outr'ora tanto cria.

Uma outra communhão é que eu almejo
Junto ao mago esplendor dos teus olhares :
— E' a da hostia amorosa do teu beijo.

Maranhão, 28 de Maio de 1896.

RISOS

Gosto de ver-te o gargalhar sonoro
Estridulando em tepidas risadas,
Como o gorgueio vivido e canoro
Da cotovia á luz das alvoradas.

Gosto de ver-te essa alegria franca
Se transformando em risos vaporosos,
Na corolla da face rosea e branca
Entre os teus labios — pomos saborosos.

Quando tu ris uns canticos se ouvem,
Enchendo o ar de calidos resabios,
Como si fossem cantos de Beethoven.

Tuas risadas, fulgidos granizos,
Como crystaes tilintam nos teus labios
Numa escala chromatica de risos.

Maranhão, 30 de Maio de 1896.

Forma-se a roda para o folguedo
E D. Lucia diz-me em segredo,
O olhar volvendo, todo ternura :
« Diga que serve de *padre-cura* ! »
Logo vaidoso no peito bato
E peço a todos o cargo augusto,
Que me concedem sem muito custo,
De ser o *padre* desse *curato*.

As moças todas logo concordam
Com meu pedido,
E os moços todos também accordam
Ser o *criado*—Dr. Garrido.

« Agora os nomes de cada moça
Convém que eu ouça »,
Digo bem alto :
E D. Julia falla garbosa
Com a voz sonora de um bom contralto :
« Chamo-me—*rosa*. »

Mais adiante D. Isabella,
Muito faceira, risonha e bella,
Diz com ternura :
« Sou a *loucura*. »
E todas gostam daquelle dito.
Que exprime tanto o genio della
Tão exquisito.

« *Lyrio dos valles*, ó D. Flóra
E', me parece,
Gentil senhora,
Um nome doce que bem merece.»
Falla o Antenor para a namorada,
Em voz suave, como um segredo,
E ella mui rubra,
Fica com medo
Que se descubra
Aquella *crise* bem demonstrada

« Escolha um nome, primo Tancredo,
Que usar eu devo neste brinquedo.»
Diz D. Alice
Com faceirice
A um quinto annista de medicina
Que faz a côrte á bella menina

« *Acacia-rosa*, flôr da elegancia,
E', diz o moço com petulancia.
O bello nome que lhe daria
Pelo ar altivo
Com que se mostra, si acaso um dia
Num verso ardente, galante e vivo,
A celebrasse numa poesia,

D. Almerinda,
Mimosa e linda,
Toda vestida de azul-marinho,
No seio flores da côr do arminho,
Ergue-se rindo dizendo ao noivo:
« Chamo-me *goivo* ».

Então me volto p'ra D. Lucia,
A flor mais bella que está na sala ;
A que mais doce perfume exhala.
Galantes vestes, azul da Prussia,
Cobrem-lhe as formas alabastrinas,
E em suas faces
Rosadas, finas,
Brilham vivaces
Luzes divinas.

Toda esplendores, ella rutila
Os ternos dardos da sua pupilla,
Que a todos logo magnetisa ;
E a bella sala enche, aromatiza
Com o aroma-doce
Da formosura,
Que me embriaga como si fosse
O extracto langue,
A essencia pura
Do *ylang-ylang*.

« Seu nome agora . . . Porque se cala ?
Diga entre as flores a mais amada,
Para enfeitar-lhe o niveo decote
Ou tel-a sempre na alegre sala,
Em rica jarra de ouro lavrada :
A *borboleta*, o *cravo*, o *myosote* ? »
E ella corando me diz a medo
Este segredo :

« Forget me not. »

Murmuram todos os circumstantes,
E olhares trocam-se interrogantes,
Vendo a franqueza
Dessa belleza,
E enciumados da formosura
Da minha Lucia tão bella e pura.

E eu passo alegre e volvo contente
O olhar ardente
A D. Ritta,
Toda catita :
No labio — rosas, no olhar — fulgores.
Fallando e rindo com uns doutores.

« Qual é das flores a que lhe apraz ? »
E ella galante
Diz petulante :
« Seu Oscar d'Alva,
Amo o lilaz
Mas sou agora — uma *flôr de malva.* »

D. Rosita
De uma poltrona volta-se a mim
E diz, em phrase que ao amor excita,
Ser um *jasmim*,
A flôr que é signo do affecto ardente
Que no seu peito vibra fremente.

E assim cada uma a flôr predilecta
Vai escolhendo,
E eu, repetindo a palavra ouvida,
Vou escrevendo
Na minha mente a escolha dilecta
De cada moça em flôr convertida,
E ainda os nomes dos cavalheiros,
Moços de sala, bons *artilheiros*.

Começa o jogo muito animado
E pagam todos as suas prendas :
Flores do peito mais do toucado,
Anneis e fitas, grampos e rendas.

Só D. Lucia,
De ar sobranceiro,
Diz com argucia :

« Prendas não pago meu cavalheiro ! »
Mas afinal eu brado fremente
A D. Amelia, com ardor ingente :
« Na flôr amada, *forget me not*,
Pairo contente ! »

E D. Lucia, rubra escutando
Aquella phrase que a faz corar,
Pende a cabeça sobre o decote,
Fica vexada, fria e silente,
Emquanto grito pela victoria :

« Eis minha gloria !
« Pague-me a prenda, minha senhora ! »
E a minha bocca tremula falla,
A minha voz não exige, implora,
E junto della quasi trescala
Todo o perfume do meu segredo.
Mas felizmente tremo de medo,

HOLOCAUSTO

Todos os versos que já fiz outr'ora,
Que a muitas outras dantes exaltaram,
A' luz dos olhos teus, que me encantaram,
Rasgo-os, cheio do amor que me devora.

Não quero que uma estrophe, um verso, ora
Recorde os meus amores que passaram :
Aves de arribação que já voaram,
Flôres da noite mortas com a aurora.

Redimo o coração das heresias
Dos amores banaes que tenho tido,
Com o holocausto das minhas poesias.

Acceita o sacrificio que eu te faço,
E o pobre coração arrependido,
Crucifica-o na cruz de teu abraço.

Maranhão, 3 de Julho de 1896.

DOLENCIAS

Vê que supplicio atroz a mim tortura,
Vê quanta dôr e quanta desventura !

Amo-te muito, apaixonadamente,
Com todo o ardor de um peito adolescente ;

Mas um fatal destino me persegue,
E este affecto real convem que negue ;

Convém que diga ao mundo sem receio,
Que este amor é um simples devaneio ;

Que não passa de mera phantasia,
Visão ideal cantada em poesia.

Convém que mate em breve esta afeição
Com a força da vontade e da razão.

Tu mesmo, doce Lucia enamorada,
Nome em que occulto a minha bella amada,

Não saberás desta paixão (oh ! nunca !)
Que de flores idéaes o peito junca ;

Não saberás desta paixão os loucos
Impetos que me vão matando aos poucos.

Hei de sorver a amargurosa taça
Até que a morte o corpo me desfaça.

Cruel fatalidade!... Antes no peito
Quizera o pobre coração desfeito!

Antes nunca febril, louco pulsasse
E morto para sempre elle ficasse.

Não soffreria agora a dôr immensa
De envolver este affecto em treva densa.

Como si fosse um lugubre delicto
Que devo enclausurar no peito afflicto ;

Não soffreria a infinda magua dura
De calar a paixão que me tortura ;

Que me tortura, afflige e me maltrata,
E aos páramos dolentes me arreбата;

Porque cançado de lutar, debalde
Tento evitar que o coração escale,

E, explodindo em relampagos fulgentes,
Lance do Amor os raios contundentes,

E diga a todos, a todo o orbe diga
O affecto ardente que o meu peito abriga !...

Ah ! mil vezes o Amor nunca existisse
E dentro em mim enregelado eu visse,

Como um cadaver espectral, sombrio,
Meu desolado coração vasio.

Maranhão, 12 de Julho de 1896.

REVELAÇÃO

Ao mundo inteiro, Lucia enamorada,
Ha muito que eu quizera revelar-te ;
Ha muito que eu quizera em toda a parte
Dizer quem eras minha bella amada.

Mas tuas ordens cumpro. A' luz da lua
Sonhei comtigo e ouvi que me dizias :
« Não reveles quem sou nas poesias,
Cala, cala meu nome e serei tua. »

E calei o teu nome verdadeiro.
Mas novo sonho tive... Posso agora
Sem medo proclamar-te ao mundo inteiro :

E's Naïr, a princeza refulgente,
A filha de um pachá que vi outr'ora,
Em viagens ideaes pelo Oriente.

Maranhão, 29 de Julho de 1896.

ESTHER

Na morna languidez de uma odalisca,
Toda envolvida num vestido branco,
Ella sorri com um sorriso franco
E seu olhar de amor flammis corisca.

Ha n'alvura purissima da face
Um leve colorido semi-rubro :
As rosas do pudor em que descubro
Flôr da paixão que púrpura lhe nasce.

A sua bocca pequenina e pura,
Como o nectario de um botão de rosa,
Distilla aromas e produz frescura.

Cinge-lhe a fronte a aureola luminosa
Que esplende na belleza magestosa
Das deusas immortaes da formosura.

Maranhão, 29 de Julho de 1896.

THRENOS

O' vos omnes qui transites per viam,
attendite et videte si est dolor sicut
dolor meus...

JEREMIAS. — *Threni*,
cap. I, v. 12.

Vejam si ha dôr que se compare á minha !
Vejam a situação que me enclausura !
Como este soffrimento me espesinha !
Como esta angustia infinda me tortura !

Aquella que eu bemdigo nos meus versos,
Lucia gentil, a virgem que amo tanto,
Não comprehende os canticos dispersos,
Do meu amor immaculado e santo.

Indifferente e fria aos meus cantares
Nem ao menos em rútilo fulgor
A mim flammeja a luz de seus olhares...

Vejam a crúa dôr que me definha :
« Amar alguém que me não tem amor ! »
Vejam si ha dôr que se compare á minha !

Maranhão, 4 de Agosto de 1896.

TEUS BRAÇOS

Quasi de pellos todos desnudados,
Roliços, alvos, tumidos, formosos,
Os teus braços são mimos primorosos
D'arte pagã em carne burilados.

Como venero a olympica esculptura,
A esculptura ideal desses teus braços,
Que me escravizam qual si fossem laços,
Laços de amor que atira a formosura !

Oh ! quando os vejo nús, fóra da manga,
Parecem-me umas flores preciosas
Com o aroma capitoso do *Kananga*.

Desejo então o mel de mil resabios
Absorver nessas polpas setinosas...
Ah ! Lucia, si meus olhos fossem labios !

Maranhão, 23 de Agosto de 1896.

QUEIXUMES

Como te adoro, flôr dos meus sonhos,
Rosa de Maio, ó meu luar de Agosto;
Tens estrellas na luz de teus olhares,
Tens aromas nas rosas de teu rosto.

Como te adoro, flôr de mocidade,
Que tres lustros apenas tens vivido.
Como te adoro! Mas a tua maldade
E' grande... Não me tens correspondido.

Em vão os meus affectos te dedico
E na tuba do verso te descanto,
Como á Hermengarda, o desgraçado Eurico!...

Em vão. O meu prazer é teu desgosto;
Não acreditas neste amor tão santo,
Rosa de Maio, ó meu luar de Agosto!

Maranhão, Agosto de 1896.

SCENA INTIMA

Modesta a sala. Num balanço, a gosto,
Lucia meneia a fôrma alabastrina.
Nectar de amor que lhe embalsama o rosto,
O seu doce olhar languido propina.

Não a perturba a nuvem de um desgosto,
Só a belleza a face lhe illumina ;
E ri, e canta derreada ao encosto
Balanceando a plastica divina.

Mas no tecto ha uma lampada candente
Cuja luz intercepto conversando
Com Lucia que sorri formosamente.

E a minha sombra audaz se projectando
Por sobre a veste olympica e fulgente
Seu corpo esculptural vai abraçando.

Maranhão, 10 de Setembro de 1896.

CARTA DE AMOR

Une lettre est une âme.

BALSAC. — *Le Père Goriot.*

I

Aos páramos do amor arrebatado,
Da paixão na precipite carreira,
Com a mão tremente e o cerebro turbado,
Ora te escrevo pela vez primeira.

E' uma ousadia, uma loucura, embora !
Tu has de perdoar este meu crime
Quando souberes quanto me devora
O immenso ardor desta paixão sublime.

Depois, minha ousadia é sem peccado,
E' crime da Paixão, que vem do céu,
Crime do Amor por ti, anjo adorado ;
E não ha crime quando o Amor é réo !

SUPPLICA

Numa attitude humilima e constricta,
A's tuas plantas tremulo curvado,
Venho lançar-te o coração, cravado
Pelas settas do amor que em mim palpita.

Eil-o, a custodia da paixão bemdita,
Eil-o a teus pés rogando-te humilhado
Um orvalho de amor, do amor dourado
Que no teu seio fulgido crepita.

Supplicante, qual misero mendigo,
Espero teu amor ou teu desprezo,
Espero meu conforto ou meu castigo.

Acceita ou repudia a minha prece,
Mas tira-me a tortura a que estou preso :
A duvida cruel que me enlouquece.

Maranhão, 6 de Novembro de 1896.

ORGULHOSA

Disseram-me que tu, formosa entre as formosas,
Proclamáras um dia, em termos sobranceiros:
« Gosto de apaixonar os moços altaneiros
Que immunes dizem ser ás settas amorosas.

Gosto de apaixonar; mas eu não me apaixono.
Colloco-me soberba em meu soberbo solio,
Faço da formosura um regio capitolio
E vejo os corações curvados a meu throno.»

Agora me permite uma ousadia: sim?
Deixa-me approximar da luz dos teus encantos,
Deixa que te confesse o amor que sinto em mim.

E oxalá que depois possa dizer commigo:
E' meu o coração que desejaram tantos,
Eu venci afinal aquelle orgulho antigo.

Maranhão, 16 de Novembro de 1896.

OUVINDO-A

The world is but a mockery, and a shadow is our
flesh, for where once they were there shall be naught.
Only Love is real; Love shall endure till all the suns
are dead, and yet be young.

RIDER HAGGARD — *Beatrice*, vol. II. chapter VI.

« A vida é um sonho... » Com uma voz ridente
A casta virgem no *boudoir* fallava,
Emquanto a lua silenciosamente
Pallida e triste lá no céu brilhava.

« A morte é a realidade... » Ella cantava,
A voz convulsa, a voz tremula e pungente,
Como entre as folhas da palmeira brava
Canta de noite o rouxinol dolente.

A vida — é sonho... A morte — realidade...
Sim, proclamaste, virgem, no teu dito,
Todo o negror da mais cruel verdade.

Mas... escuta-me: o Amor, bella divina,
Mais do que a Morte, é real, é forte, invicto;
Ama, e verás: o Amor jamais termina!...

Maranhão, 21 de Novembro de 1896.

PRESENTE DE ANNOS

Não sei quando nasceste ; no entretanto
O teu feliz anniversario agora
A minha lyra em versos commemora,
O teu doce natal com ardor eu canto.

Mas quero dar-te um mimo, um signal santo
Que me faça lembrado a toda hora,
Que recorde o meu nome a ti, senhora,
Quando longe estiver do teu encanto.

Não vou dar-te uma dadiua de preço,
Dessas que ornam fidalgos do Oriente ;
E' um mimo ideal que te offereço.

Cheio de amor, ardente te remetto
Meu singular, meu unico presente :
Mando-te o coração neste soneto.

Maranhão, 26 de Novembro de 1896.

DESILLUSÕES

Construi um palacio de chimeras,
Feito de sonhos, de illusões só feito,
Quando te disse alegre e satisfeito
Que dos meus versos o ideal tu eras.

Pensava então nas lindas primaveras
De um risonho porvir em que meu peito,
Cheio de affecto, a ti sempre sujeito,
Gozasse a sós do amor que tu me deras.

Debalde ! Tudo dissipou-se ao vento,
O vento das desgraças miserando,
E o meu amor tornou-se o meu tormento.

Não mais lembras as juras que fizeste ;
Meu coração mataste transformando
Rosas de amor em goivos e cypreste.

Maranhão, 28 de Dezembro de 1896.

TEUS OLHOS

Quando os meus olhos nos teus olhos gravo
Foge-me a luz que em meu olhar scintilla :
Ao contemplar-te a lucida pupilla,
E' o meu olhar do teu olhar escravo.

Ha nos teus olhos fulgidos harpejos,
Cheios de luz e de perfume cheios :
Incensam como o aroma de dous seios
Rutilam como a flamma de mil beijos.

Um magico fulgor eu nelles miro
Que me deslumbra allucinadamente ;
Perturbo-me, estremeço, ardo e deliro !...

Teu olhar á loucura me conduz,
A' loucura do Amor, febril, ardente,
Cantando sempre a musica da Luz.

Maranhão, 1896.

ASSASSINA

Gozas da minha dôr e ris dos meus tormentos.
Sabes quanto te amei, te amo e hei de amar-te ainda ;
Ouviste-o do meu labio em confissão infinda,
Ouviste-o do meu verso em lyricos momentos.

Sabes que só por ti minh'alma vive escrava,
Escrava de um amor que a fere todo o dia,
Quando num riso máo, eivado de ironia,
Atiras um punhal que o coração me crava.

Formosura fatal, desviaste-me o futuro !
Porque mentiste a mim com esse olhar celeste ?
Porque acceitaste o amor que te jurei tão puro ?

O' barbara cruel, fingiste uma paixão
E após calcaste aos pés as juras que fizeste:
— Assassina do Amor, mataste um coração!

Maranhão, 3 de Janeiro de 1897.

HONTEM E HOJE

Hontem — contente, rindo satisfeito,
Vivendo da delicia amena e pura
Que o teu amor, ó casta formosura,
Derramava nas fibras do meu peito.

Hoje — triste, chorando contrafeito,
A soffrer as angustias da amargura,
Por teu odio, mulher que em falsa jura
Envenenou-me o coração desfeito.

Hontem — feliz, o teu amor gosando,
Hoje — infeliz, teu odio me matando ;
Hontem a luz e hoje a noite escura!...

Assim enganadora a vida passa :
Uma ventura após uma desgraça,
Uma desgraça após uma ventura.

Maranhão, 8 de Janeiro de 1897.

A TAÇA

Era um calice d'ouro cravejado
De finissimas pedras preciosas;
Esmeraldas, rubis, brilhantes-rosas
Tauxiavam o cyatho dourado.

Dentro fervia um liquido espumante,
Rubro licor de capitoso aroma:
Era o Falerno dos festins de Roma
Ou era o haschisch dos povos do Levante ?...

Tomei a rica taça aurilusente,
Que a minha amada, rindo alegremente,
Offerecia-me com o olhar sereno.

Sorvi, sorvi o perfido licôr,
Pensei libar uma amphora de amor,
Mas... bebi uma taça de veneno!

Maranhão, 9 de Janeiro de 1897.

CORAÇÃO DE GELO

E's formosa de mais, ó minha amada!
Não ha belleza que em fulgor te iguale:
Nem a aurora rompendo a madrugada,
Nem mesmo o sol a illuminar o valle.

Na côr de tua face ha um tom divino,
Na luz de teu olhar ha mil estrellas,
E as rosas de teu labio purpurino
Colibris encantados vêm sorvel-as.

Nas tranças fartas do cabello escuro
Turbilhona a paixão, fonte de luz,
Que me allucina e alenta-me o futuro.

Em ti só vejo o Bello e folgo ao vel-o,
Mas a par da belleza que seduz,
Possues, querida, um coração de gelo.

Maranhão, 10 de Janeiro de 1897.

PRAGA

Era fiel, amava-me e deixei-o.

BOCAGE.— *Rimas*, t. I, Son. 27º.

Quando souberes deste amor que pulsa
No meu peito com impetos frementes,
Talvez que sintas o que tu não sentes,
Remorso vivo dessa tua repulsa.

Quando souberes (saberás um dia)
Que o coração, ludibriado embora,
Ama-te ainda tanto como outr'ora,
Talvez a tua bocca não sorria.

Então has de pensar no teu perjuro,
Na hypocrita paixão que me mostraste
Ao me dizeres: « Eu sou tua, juro. »

Então has de clamar, arfando o seio,
E chorando o amor que abandonaste :
« Era fiel, amava-me e deixei-o. »

Maranhão, 12 de Janeiro de 1897.

A UMA VIRGEM DE TALENTO

Não és filha de um rei ou de um visconde,
Não tens braços, nem fóros de princeza,
Mas possues uma esplendida nobreza,
Que a toda luz da magestade esconde.

E' a nobreza do espirito elegante
Com que incensas o assumpto das conversas
Quando, em termos correctos, tu dispersas
As flôres de uma critica brilhante...

Gosto de vêr-te assim, britando phrases,
Com a habilidade de uma artista mestra,
Como comigo tantas vezes fazes ;

Gosto de vêr-te altiva e principesca,
Dando esplendor aos tramas da palestra,
Numa *pose* fidalga e romanesca.

Maranhão, 6 de Março de 1897.

TUA BOCCA

Cofre de nacar, cyatho amoroso,
Onde se occulta capitoso aroma;
Bocca de rosa, és amphora de gozo
Onde o veneno da paixão assoma.

Rosa de carne a desbrochar apenas
No jardim aromal de um rosto lindo,
Onde olores ideaes de mil verbenas
Têm os labios, a voz, o olhar infindo.

Abysmo de prazeres e loucuras,
A tua bocca tentadora e virgem
Tem attracções de sensuaes doçuras.

Desvaira-me a razão com mil descjos
E, atirando-me em rapida vertigem,
Faz-me sorver o vinho dos teus beijos.

Maranhão, 20 de Março de 1897.

AO PARTIR

Hoje que parto, abandonando as plagas
Onde passei a minha juventude ;
Que vou, talvez, um lugubre ataúde
Buscar sem norte na soidão das vagas ;

Quero dizer-vos, doces corações,
O' virgens que eu cantei, que tenho amado ;
Quero dizer-vos, num cantar magoado,
O adeus final das minhas illusões.

Cercai-me todas ; pressurosas vinde
Ouvir-me a voz tão tremula e convulsa,
Voz do bardo que parte e que soluça,
Erguendo a todas um saudoso brinde.

Dulce — primeiro sonho dos meus sonhos,
Candida virgem que eu amava tanto,
E tantas vezes thema do meu canto,
Adeus, parto... e teus labios são risonhos.

Laura — mulher onde a paixão não medra,
Alma de gelo que ninguém conhece,
Possa este adeus, onde palpita a prece,
Enternecer-te o coração de pedra !

Alice — azul fantasma que evolou-se,
Vaporosa illusão que tive outr'ora,
E que eu só lembro nesta extrema hora,
Um breve adeus... o nosso amor findou-se.

Corinna — amor fatal aos dias meus,
O meu funesto e negro pesadelo
De quem só resta um fio de cabelo,
Eu parto agora... um teu abraço... adeus !

Alcina — doce ideal de minha vida,
O' deusa soberana, ó deusa pura,
Acalma um pouco a dôr que me tortura,
Dá-me um beijo de amor por despedida.

Helena, Amelia, Margarida e Branca,
Virgens e virgens que eu cantei em verso,
Do pobre seio, em saudade immerso,
Acceitai este adeus que a lyra arranca.

Mas uma virgem falta ao meu appello,
Todas vieram no fatal momento...
Só Lucia diz : « Que parta ! E' meu contento !
Que vá depressa, vá ! Não quero vel-o ! »

Embora !... Hei de dizer-te o adeus final,
Hei de dizer-te o adeus da despedida
Com o mesmo amor da nossa antiga vida,
Quando eras tu meu unico ideal.

Tu has de lêr estes meus versos, Lucia ;
Has de lêr estas pallidas estrophes,
E, embora a rir de mim sem pejo mofes,
Mofes de mim com desdenhosa astucia,

Ouvirás estas syllabas frementes
Que eu digo agora ao te deixar, querida,
A ti que foste o sol da minha vida,
A ti que amei em fremitos ardentes :

« Adeus ! livre serás, oh ! sim, descança ;
Esquece meu amor, minha amisade :
— Eu parto sem deixar-te uma saudade,
E depois de te amar sem esperanza ! »

Maranhão, 5 de Maio de 1897.

ESTROPHES A LUCIA

Era uma fria noite de Dezembro.
Conversavamos ambos á janella,
Ouvindo ao longe os sons da philomela;
Mellifluos sons de amor... Como me lembro!

Recordas-te? Talvez. A doce lua
Rolava pelo Azul silente e puro,
Como um luzeiro que no mar fluctua,
Mostrando o norte ao olhar do palinuro.

E a lua em tua face palejando,
Tinha mais brilho e mais encanto ainda,
Do que si fosse, na amplidão infinda,
A luz do sol em pleno céo brilhando.

Conversavamos. Muito conversámos:
Tu me juraste, perfida sereia,
Tu me juraste amor... e nos amámos;
Minh'alma desse affecto inda está cheia.

Alguns dias apenas se passaram
E noutro amor tua alma se immergio ;
Eu vi que tua bocca me mentio,
Que meu amor teus labios profanaram.

Oh! como foi cruel o desengano!
Jamais pensei que a virgem que eu amava
Tivesse o coração como um tyranno,
E fizesse desta alma sua escrava.

Jamais pensei que o teu olhar jocundo,
Cheio de tanto brilho e formosura,
Fosse apenas fanal de uma clausura
E me levasse a um barathro profundo.

Como a sereia da Mythologia,
Tu me cantaste a cantilena doce
Que ouvi attento toda a noite e dia,
Haurindo o olor que a tua voz me trouxe.

Ouvi teu canto e, victima indefesa,
Cahi nos laços que formaste, infida;
Morto de amor eu sepultei-me em vida,
Tendo a minh'alma loucamente presa,

Presa á tua alma que julguei de lyrio,
Tão esplendente como um rosicler,
Quando é mortição como um triste cyrio,
Fria de mais para alma de mulher!

Alguns dias apenas se passaram
E noutro amor tua alma se immergio ;
Eu vi que tua bocca me mentio,
Que meu amor teus labios profanaram.

Oh! como foi cruel o desengano!
Jamais pensei que a virgem que eu amava
Tivesse o coração como um tyranno,
E fizesse desta alma sua escrava.

Jamais pensei que o teu olhar jocundo,
Cheio de tanto brilho e formosura,
Fosse apenas fanal de uma clausura
E me levasse a um barathro profundo.

Como a sereia da Mythologia,
Tu me cantaste a cantilena doce
Que ouvi attento toda a noite e dia,
Haurindo o olor que a tua voz me trouxe.

Ouvi teu canto e, victima indefesa,
Cahi nos laços que formaste, infida ;
Morto de amor eu sepultei-me em vida,
Tendo a minh'alma loucamente presa,

Presa á tua alma que julguei de lyrio,
Tão esplendente como um rosicler,
Quando é mortição como um triste cyrio,
Fria de mais para alma de mulher !

Hoje arrependo-me de ter sentido
O que por ti minh'alma supportou...
— Feliz o coração que nunca amou!
— Feliz quem de paixões não tem vivido!

E' cruel de uns bons tempos recordar-me
E ter de transformar num rude insulto
O que hontem era um inspirado carme,
O que hontem era um fervoroso culto.

E' cruel! .. Eu suspendo o meu cutello
De victima a vingar-se da maldade
De hypocrita mulher, que nunca ha de
Achar um coração para desvelo.

Contento-me somente com uma pena
Que ha de certo pezar-te sobre a vida,
Como o Adulterio a perseguir Helena,
Como o Remorso n'alma do homicida.

E' a de nunca encontrares affeição
Nos corações que, louca, tu quizeres;
Passares triste em meio das mulheres
E aos homens inspirares compaixão.

Desejares o coração sedento
Encher de amor em lubrica vertigem,
E viveres num longo soffrimento,
Viveres só, eternamente virgem!

Fortaleza (Ceará), 16 de Maio de 1897.

EM FRENTE AO MAR

I

— « Contemple este espectáculo » — ella disse
Fitando o mar que placido gemia,
Dentro de vasta e esplendida bahia,
Que eu olhava immovel como si não visse.

— « Contemple este formoso panorama
Onde a natura com fulgor se ostenta ;
Ao som da brisa que nos acalenta,
A' luz do sol que o céu azul inflamma. »

E olhava immovel como si não visse,
Olhava a tóa, com um olhar errante,
O monte, o mar, o sol estrellejante
E tudo mais que me mostrava Alice.

— « Inspire-se, poeta, nestas auras
Da natureza neste grande templo ;
Não adore somente Idas e Lauras
Cante, cante, a paysagem que eu contemplo. »

CORPO SEM ALMA

Ella é formosa como o sol que nasce,
Ella é mais bella que um luar de Agosto,
Tem duas rosas lhe enfeitando a face
E tem dois soes lhe illuminando o rosto.

Quando ella passa, a turba se extasia,
E deslumbrada canticos murmura :
Hosannas a Belisa que irradia
Os raios immortaes da formosura.

Mas nada vale a luz deslumbradora
Que do seu corpo em catadupas medra,
E dá-lhe o encanto da mais bella aurora.

Sua belleza ideal não me conforta,
Pois traz no seio um coração de pedra
E tem uma alma enregelada e morta.

Rio, 19 de Setembro de 1897.

REQUIEM

Eil-o acabado todo o amor antigo
E em trevas convertida a minha aurora,
Delle só resta o funebre jazigo
Em que minh'alma se lamenta e chora.

Delle só resta uma lembrança agora,
Triste lembrança, vive a sós commigo;
São esses versos que eu te fiz outr'ora,
No tempo desse amor que inda bemdigo.

Eis-me sem ti, na immensa soledade
De um triste e enorme coração vasio,
Onde só medra o goivo da saudade.

Eis-me só na necropole da Dôr,
Sobre a pedra de um tumulo sombrio
Onde apagou-se a luz do nosso amor.

Rio, 12 de Agosto de 1897.

A VOZ DE BELISA

Quando essa voz de rouxinol gorgeia
Uma aria, uma ballata, um canto ameno,
De um gozo mystico, ideal, sereno,
Parece que minh'alma fica cheia.

Modula sons que me parecem beijos
A tua voz em canticos suaves ;
Quando tu cantas mil canoras aves
Como que trinam celestiaes harpejos.

Não sei que sinto ouvindo o teu cantar :
Ora recordo o doce gondoleiro
Barcarolando ao zephyro ligeiro,
Ora recordo os turbilhões do mar.

Não sei que sinto ouvindo o teu cantar,
Mas a minh'alma em extasis divaga
Em região estranha, etherea e vaga,
Feita de Amor e feita de Luar.

FLÔR DE CARNE

Vi-a na estufa de um palacio em festa,
Numa noite de febre e de delirio,
Essa flôr singular que é meu martyrio,
E a quem toda a minh'alma um culto presta.

Tinha a côr nivea de um jasmim de Java
E da magnolia o aroma embriagante ;
Qual dionéa, num gesto provocante,
Suave morte ao coração me dava.

Toda a noite na estufa contemplei-a,
Tendo a minh'alma loucamente cheia
Como da luz de um bello rosicler.

E doudo de paixão a contemplando
Eu vi, ó céos, que a flôr que estava amando,
Era um formoso corpo de mulher!

Río, 12 de Outubro de 1897.

DIVINO AMOR

Il est meilleur encor d'aimer que d'être aimé.

AUGUSTE COMTE.—*Prières quotidiennes.*

Que importa a mim que te amo e te bendigo,
Que outro te ame tambem e te requeste?
Que importa, si esse amor guardo commigo
E o meu orgulho, o meu prazer é este?

Como a verdura da campina occulta
Da violeta o delicado olor,
Meu coração que em te adorar exulta
Guarda no seio o aroma deste amor.

Guarda-o como um suavissimo perfume
Da flôr de um sentimento immaculado,
Que vive sem as magoas do ciúme.

Divino amor de um poeta enamorado,
Que neste verso o seu sentir resume:
— Amar inda é melhor que ser amado!

Rio, 25 de Outubro de 1897.

ESMOLA DE UM BEIJO

Numa attitude humilde de mendigo,
Aos teus mimosos pés, todo curvado,
Das ancias do desejo atormentado,
Sem ter um coração p'ra meu abrigo,

Venho pedir-te a graça de uma esmola
Que mate a minha sede e a minha fome,
Quero acabar o mal que me consome,
Dá-me um beijo; o teu beijo me consola!

Dá-me, dá-me a corolla do teu labio,
Deixa que eu goze o nectar de um resabio
Na explosão de um desejo mal occulto.

Não sejas má, attende este pedido,
Chames-me embora torpe, vil, bandido,
Quero o teu beijo, não me importa o insulto!

Rio, 26 de Novembro de 1897.

O TALISMAN

Quando nasceste, Venus a rainha,
A rainha da Graça e da Belleza,
Enthusiasmada do esplendor que tinha
Tua bocca formosa de princeza,

Quiz esculpir na concha dos teus labios
Signo divino, emblema apaixonado,
Que excitasse dos beijos os resabios
E gozos dêsse a um coração magoado.

Foi então que ella, a Venus Aphrodita,
Gravou esse signal na tua bocca :
— Cyatho de gozo, onde a paixão crepita.

E é elle agora um iman abençoado ;
Para minh'alma, de desejos louca,
E' elle agora um talisman sagrado.

Rio, 3 de Dezembro de 1897.

PRELUDIOS

7

ARDENTIAS

II